

## Para famintos e saciados: o “self-service” pós-moderno Pistas para a dignidade humana na globalização

Por Kathlen Luana de Oliveira\*

### Resumo:

A informação e a riqueza são dois critérios constituintes de pertença à globalização. Também os impactos sociais são visíveis no enfraquecimento das instituições coletivas – inclusive a religião – no apogeu do individualismo como referencial de normas e valores e na inegável marginalização das massas. No entanto, o acesso à tecnologia não é suficiente para o estabelecimento de relações solidárias. Não basta estar na globalização para conquistar a cidadania. O presente artigo, além de atentar para as injustiças econômicas e sociais, visa questionar a informação e o individualismo como atributos da dignidade humana e vai ao encontro do que Milton Santos denomina de “outra globalização”.

### Palavras-chave:

globalização – dignidade – conhecimento – estratificação social - religião

Quando falamos de globalização e religião, há um esforço em estabelecer uma conexão entre essas duas grandezas que, *a priori*, parecem se excluir. Também há a tentativa de não se apegar a conceitos, categorias, que, como palavra, tentam englobar a totalidade da realidade e suas arestas. De um lado, seria restrito analisar a globalização a partir de um tempo e de um sistema e enquadrar a religião em uma fenomenologia que perpassa ou fica imune a esse tempo.

Conforme Moltmann,

Atualmente, pela fabricabilidade técnica e organizativa de todas as coisas e relações, o divino e o transcendente desapareceram do mundo, da natureza, da história e da sociedade. O mundo tornou-se

---

\* Graduanda em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo, RS. Atualmente pesquisa tolerância, alteridade e novas perspectivas teológicas contemporâneas.

matéria da transformação técnica pelo próprio ser humano [...] O mundo não oferece ao ser humano uma pátria, nem moradia segura.<sup>1</sup>

A partir dessas considerações, o termo *pós-cristão* parece ser atrativo a uma reflexão. O pós-cristão traz a idéia de que o cristianismo cristocêntrico não funciona mais como eixo do mundo, ou pelo menos, não da forma como era antes. Também pós-cristão abrange a pluralidade e, talvez (a idéia mais revolucionária) indica uma nova forma, um novo jeito de viver religião.

A ironia é que o discurso teológico persiste em verdades imutáveis e a tentativa comumente vista é de colocar essas verdades na realidade atual. Ou seja, é a realidade do ponto de vista teológico que precisa se enquadrar às necessidades teológicas. No entanto, quando se pensa em religião, os discursos teológicos nem sempre são concretizáveis.

Segundo José Comblin, permanece a distância entre a Igreja e o mundo, entre o cristianismo e a sociedade contemporânea. A sociedade não é homogênea, embora muitos discursos teológicos sejam. A tensão, possível de ser constatada, é a tensão entre dois grupos: técnicos e intelectuais. Não existem técnicos ou intelectuais em estado puro, inclusive, eles se sucedem no poder. E, mesmo sendo perceptível um fim das ideologias, Jean Maynaud afirma que elas estão se transformando<sup>2</sup>.

A religião é composta por pessoas que partilham um espaço em comum. Nesse espaço, partilham esperanças e frustrações. Em outras palavras, falar de religião é falar do contexto e falar do contexto é falar da relevância da fé e da religiosidade. Nesse sentido, é o ambiente que nos desafia a pensar as religiões no mundo global. Muitos criticam o termo *globalização*. Preferem *mundialização*. No entanto, denominando a complexidade desse fenômeno como *ocidentalização*, talvez seja possível expressar certas origens e certos costumes que padronizam

---

<sup>1</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *A Teologia da Esperança*. 3ª ed. rev. e atual. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005. p. 388.

<sup>2</sup> Cf. COMBLIN, José. *O Provisório e o Definitivo*. São Paulo: Herder, 1968. p. 15-44.

comportamentos, que padronizam o sistema econômico e subordinam o sistema político<sup>3</sup>.

Objetos, tecnologia criam a ilusão de que o mundo é imediato, presente, sem geografia, nem história. Como diz Milton Santos, a globalização pode ser compreendida como uma fábula, uma falsa consciência; onde o mundo é confuso e confusamente percebido, onde há uma consagração de um discurso único, divulgação do discurso de consumo, a ilusão de que o mundo está ao alcance da mão de todos<sup>4</sup>.

Comumente a globalização é medida a partir de seus benefícios às pessoas em todo o mundo. Não é novidade que os impactos desse sistema político e econômico não atingem a todos de igual forma. Sendo assim, a globalização imprime uma dimensão dualista da realidade: os que estão na globalização e os que estão fora dela. Claro que há especificidades nos impactos da globalização no Brasil. O Brasil sofre com essa dicotomia entre os de dentro e os de fora e se sabe que a desigualdade nesse território é uma das mais cruéis, citada pelos dados do I.D.H. (Índice de Desenvolvimento Humano).

A Internet é um bom parâmetro das desigualdades mundiais. Conforme dados de 2005, do IBGE e do *Almanaque Abril*<sup>5</sup>, o planeta está interligado. Ano passado, aproximadamente 1,2 bilhões de pessoas estiveram envolvidas na rede mundial. No entanto, apenas 20% da população mundial tem acesso a ela. Por exemplo, na Islândia, há 67% da população conectada, enquanto que na África são apenas 2%. O Brasil traz certas curiosidades: esse país ocupa o 10º lugar em número de internautas; é o 1º em *fotolog*, *MSN* e *Orkut*. Também ocupa lugares primeiros em horas de conexão. Porém, como é comum no Brasil, 90% da população não tem

---

<sup>3</sup> Cf. SANTOS, Milton et alii. (Org). *Fim de Século e Globalização*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC-ANPUR, 1997. p. 9-72.

<sup>4</sup> Cf. SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 17-21 e p. 170-174.

<sup>5</sup> Cf. ALMANAQUE ABRIL. São Paulo: Abril, 2005. e cf. <http://www.ibge.gov.br>.

Internet. Mesmo não possuindo Internet, os brasileiros dão um jeito para conectar-se. Dessa forma, burlam-se as fronteiras e as segregações da tecnologia.

Esses números não negam que o tecnicismo se configura como um dos maiores critérios para a dignidade humana no contexto atual. Todavia, ter acesso à tecnologia não garante a cidadania e não impulsiona o pensar. Os benefícios vistos no conforto, na velocidade, não prometem formar pessoas conscientes e responsáveis. O amontoado de informações e a posse do instrumentário (parafernália tecnológica) fomentam a competição, o individualismo e o desemprego. A ironia é que a Internet foi inventada com a intenção de unir as pessoas e acaba separando corpos e hierarquizando em classes. Como negar os impactos da tecnologia? Como reverter suas conseqüências em termos econômicos? Como criar formas mais dignas de relacionamento? Com certeza muitas respostas, mas uma coisa é certa: toda a religião cujos membros vivenciam esse contexto não pode se isentar de compromisso com a justiça social ou simplesmente se integrar ao sistema.

A partir desses traços gerais, sem ignorar as características sociais, teológicas e espirituais, gostaria de usar a seguinte metáfora para provocar questionamentos antropológicos acerca da religião: a imagem de um restaurante *self service*. Nesse tipo de restaurante, a pessoa se serve com comida a quilo. Com dinheiro em seu bolso, ela vai ao restaurante, tem acesso a ele, pode pagar pelo que ele oferece. Da mesma forma, a globalização pode trazer benefícios às pessoas que podem participar dela. Ora, por possuírem capital, informação, eficácia, ora pela capacidade de usufruírem a tecnologia. Nesse restaurante, a pessoa pode escolher seu alimento à vontade, já que o alimento que se encontra ali está quente, pronto para ser consumido. Cada cliente compõe o seu prato, i. é, o indivíduo pós-moderno constrói a sua realidade como se ele fosse o único criador de suas normas e crenças. Contra o individualismo, contra a opção individual não há instituição coletiva que se sobreponha.

Proseguindo no restaurante, depois de compor o prato, o grande dilema é a quantidade de comida. Comer muito não significa nutrição. Pelo contrário, o excesso de informação não é sinônimo de conhecimento e sabedoria, não forma cidadãos críticos, apenas reprodutores. Outro dilema no restaurante é em relação à salada. Nem todos gostam de salada, mas acreditam que ela contribui com a manutenção da saúde. Pois bem, *a religião é a salada no restaurante da globalização*. Salada que alguns comem de mais e outros de menos. Uns se preocupam a tal ponto com a saúde que chegam a comer só salada, atitude que não é muito diferente dos fundamentalistas, presentes em todas as confessionalidades, em todos os meios e em todas as religiões. Também existem aqueles que odeiam salada. Consideram-na sem gosto. Eis os céticos, críticos ferozes da religião que tentam secularizar os valores religiosos, desvinculando-se de qualquer relação com uma religião. É um enfraquecimento de estruturas eclesiais, que provoca uma re-significação dos conteúdos religiosos. O mais engraçado é que, à medida com que a idade vai avançando, doenças surgem e o indivíduo precisa comer salada. Assim, na hora da necessidade, em uma situação de não-saúde, as pessoas correm para as religiões e encontram nelas uma terapia. Nesse sentido, religião e terapia se fundem e abrangem as mesmas dificuldades e preocupações. Quem procura terapia como religião busca cura, perdão, autoperdão, desabafo e reconciliação.

Voltando ao nosso *self service*, existem poucos que comem conscientes da contribuição nutricional de cada alimento e que comem a salada equilibradamente. Por último, e não menos importante, existem as pessoas que não entram no restaurante, ficam olhando pelos vidros transparentes, famintos, vendo os outros se alimentando. Essas pessoas não possuem informações suficientes para operar as máquinas tecnológicas, não possuem condições para usufruir, possuir ou ter acesso à tecnologia. Pensando bem, aproximadamente 10% dos brasileiros não possuem nem se quer energia elétrica. Para essas pessoas, o tempo demora mais a passar...

No meio do caminho da globalização, não exatamente fora, mas também não dentro dela, há pessoas, comendo do lado de fora do restaurante, que constituem os inúmeros operários e operárias brasileiros. São pessoas que apenas sabem fazer uma coisa, operar uma máquina, pessoas engolidas pelo sistema de produção e capitalização. Para essas pessoas, os problemas globais trazem conseqüências locais, por exemplo, a gripe aviária. Mesmo ainda restrita aos países da Ásia, da África e da Europa, as conseqüências estão aqui. Milhares de desempregados nos Estados do RS, SC, PR e MS. O que fazer com essas pessoas que apenas sabem criar frango ou prepará-lo industrialmente para ser vendido? Não é apenas uma questão de saúde, mas de ordem econômica e social e religiosa.

Nessa metáfora, a busca pela saúde, a busca por matar a fome, não escapa do universo religioso. A dignidade humana, quando sonhada, encontra caminhos distintos para sua concretização. Um desses caminhos são as religiões que, quando não provocam ilusão e alienação, possibilitam resistência e trazem perspectivas de vida melhor.

## Considerações finais

Trago algumas concepções que abrangem a contextualidade da teologia e a relevância da fé nessa era global. Tais concepções não pretendem ser conclusões, mas uma leitura da realidade da religião e as conseqüências da globalização no Brasil:

- *a religião em tempos de globalização* não pode ignorar a saúde, a ecologia, a tecnologia, o desemprego e a indignidade;
- *a religião em tempos de globalização* traz a relevância da fé, pois não está fora do mundo; faz parte dele, apesar de sua diluição no processo da secularização;

- *a religião em tempos de globalização* não apenas agrega indivíduos ou critica o individualismo, mas enxerga a necessidade das relações humanas e denuncia as conseqüências da violência, da pobreza e da ignorância (falta de informação);
- *a religião em tempos de globalização* tem função terapêutica, mas não só isso, pois não é uma questão de estar bem consigo mesmo, mas um compromisso com relacionamentos entre o outro e com o transcendente. Apesar de que o ser humano pós-moderno se compreenda como Deus e fiel na religião (Durkheim), ele jamais estará satisfeito tendo um fim em si mesmo. Não é a toa que comer salada não dá a sensação de saciedade instantânea;
- a religião, enquanto salada, é alimento indispensável e contradiz a idéia de abundância e escassez. A religião denuncia tanto saciados como famintos, pois ambos não são saudáveis. Tanto a escassez quanto o excesso, na globalização, trazem mais malefícios que benefícios, pois ambos não desenvolvem um instrumentário crítico frente à realidade. Isto é, estar na globalização e fora dela não corresponde aos ideais de relacionamentos em dignidade. *Outra Globalização*, conforme denomina Milton Santos, clama pela necessidade do ser saudável e do ser co-responsável com a sociedade, da cidadania com plenas capacidades de expressar-se e de relacionar-se com o mundo.